



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Midiatização, imaginário e os novos tensionamentos¹ **Mediatization, imaginary and the new tensions**

Ricardo Luís Düren²

Resumo: O artigo aborda imbricações entre as epistemologias da midiatização e do imaginário e propõe que o diálogo entre essas teorias pode consistir em um caminho de pesquisa que auxilia a compreender determinados tensionamentos que emergem no atual bios virtual, no qual grande parte das interações ocorre por intermédio das novas mídias. Por imaginário entendemos, na perspectiva de Silva (2017), um excedente de significação que, por meio de processos cognitivos e emocionais, o *sapiens* atribui aos fatos transcorridos na concretude do mundo – desde um jogo de futebol até uma tragédia. Argumentamos que a compreensão da processualidade do imaginário ajudaria na análise da emergência de tensões – como polarização, intolerância, homofilia e incivildade – no âmbito da interatividade proporcionada pelas novas mídias.

Palavras-chave: Mdiatização, imaginário, tensões

Abstract: This article approaches imbrications between mediatization and imagination epistemologies and proposes that the dialogue between these theories can consist in a search way that helps to understand certain tensioning that comes from the actual virtual bios, in which a big part of the interactions happen by intermediate of new medias. By imaginary we understand, in the perspective of Silva (2017), an excess of meaning that, by mean of cognitive and emotional processes, the *sapiens* attributes in already happened facts in the world's concretion – since a soccer game until a tragedy. We argue that the comprehension of imaginary procedurally would help in tensions emergency analysis – like polarization, intolerance, homopholia and incivility – in scope of the provided interactivity by the new medias.

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Jornalista, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (PPGL-Unisc), como bolsista da Capes, e doutorando do PPGL-Unisc como bolsista da Capes. Integrante do grupo de pesquisa Jornalismo Mdiatizado e Circulação, vinculado ao PPGL-Unisc.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Keywords: mediatization, imaginary, tensions

1 Uma proposta de imbricação epistemológica

Neste trabalho abordamos imbricações entre as epistemologias da midiatização e do imaginário, entendendo que o diálogo entre as essas duas teorias pode consistir em um caminho de pesquisa que auxilia a compreender determinados tensionamentos que emergem no atual bios midiático (GOMES, 2017), caracterizado, entre outros fatores, pela convivência entre os indivíduos por intermédio das novas mídias. A proposta de confluência entre as duas epistemologias citadas é fruto das pesquisas que desenvolvemos por ocasião de nossa tese de doutoramento³, ainda em curso, onde buscamos observar reconfigurações de sentido que se estabelecem a partir da midiatização do imaginário. Neste contexto, por midiatização entendemos, conforme Verón (2013), a materialização do sentido – fenômeno que se estabelece quando o sentido (mescla de pensamento e emoções) é materializado por mérito de determinadas tecnologias, tais como a pintura, o texto escrito, a gravação em áudio ou vídeo; adquirindo assim as características de autonomia em relação a seu autor e persistência (durabilidade) ao longo do tempo.

No diálogo com a proposta do III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais, – “polarização, intolerância, homofilia e incivilidade” –, argumentamos que a compreensão da origem dessas tensões, potencializadas e mais visíveis no atual bios virtual, também passa pelo estudo dos processos cognitivos e emocionais geradores de sentidos. Neste viés, nossa aposta recai sobre a ciência do imaginário, que busca compreender, justamente, aspectos da processualidade humana de geração de sentidos. Não nos propormos, neste momento, a oferecer uma fórmula de análise – dado que, mesmo no âmbito de nossas pesquisas, ainda não estabelecemos

³ A pesquisa é realizada no âmbito do PPGL-Unisc, sob orientação do professor doutor Demétrio de Azeredo Soster, com auxílio de bolsa da Capes.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

uma metodologia analítica –, mas sim, apresentar a ciência do imaginário como possível epistemologia de apoio à compreensão do fenômeno.

Comungamos com Braga (2006) o sentimento de que a sociedade contemporânea ainda carece de pedagogias voltadas ao emprego praxiológico das novas mídias, dado que, de forma geral, observamos costumeiramente o contrário, tais como manifestações de intolerância e incivildade – conforme o tema do seminário supracitado – visíveis e potencializadas pelo amplo acesso aos sistemas de interatividade. Reiteramos: não há que se condenar a interatividade como tecnologia, mas, em consonância com Braga (2006), defender o emprego de pedagogias voltadas à praxiologia.

Neste viés, apontamos também para a urgência de pedagogias que auxiliem os indivíduos a compreender os fenômenos mentais inerentes à geração de sentidos, tema, via de regra, ainda restrito ao ambiente acadêmico, particularmente, às áreas da filosofia e psicologia. É mister que os indivíduos, de forma geral, compreenderam, ainda que sumariamente, como seu próprio sistema cognitivo opera, inclusive, para um emprego apropriado da democracia disponibilizada pelo atual bios midiático. Entendemos que o estudo da ciência do imaginário, historicamente relegada a segundo plano pelas linhas de pensamento racionalistas e positivistas, apresenta-se como alternativa para compreender a emergência também de sentidos de intolerância, calcados no senso comum e em preconceitos, que também nutrem imaginários coletivos.

Buscando expor como se dá essa processualidade de geração de sentidos, no capítulo a seguir desenvolveremos o conceito de imaginário ao qual nos filiamos e, a seguir, ofereceremos uma síntese do desenvolvimento da ciência do imaginário, seguindo um trajeto que, a nosso ver, auxilia na compreensão do próprio fenômeno – qual seja, a geração de sentidos pelos mecanismos do imaginário. Seguindo uma fórmula que empregaremos em nossa tese, optamos por sistematizar a evolução da ciência do imaginário conforme seu desenvolvimento diacrônico, para facilitar a observação da emergência de suas inferências a partir do diálogo com outras linhas de pesquisa, particularmente, a psicanálise, a etnografia e as novas críticas literárias – caso da mitocrítica e mitoanálise. Depois, no alinhamento



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

com a hipótese da mediação do imaginário, vamos analisar um case que, a nosso ver, dialoga com a proposta aqui apresentada.

2 O que é o imaginário

Em consonância com Silva (2017), trabalhamos com a hipótese do imaginário como um excedente de significação que o *sapiens* atribui aos fatos transcorridos na concretude do mundo, em decorrência de processos cognitivos e emocionais que se estabelecem no aparelho psíquico. Equivale a dizer que o imaginário consiste na emergência de uma carga de sentidos que o indivíduo, na esteira de uma processualidade psíquica que envolve tanto o racional quanto o inconsciente e o emotivo, relaciona aos eventos que acontecem no plano físico – no dito mundo real –, tais como uma partida de futebol, um acidente de trânsito ou um crime. É a partir desse processo, defende o autor, que mesmo uma situação trivial torna-se, no âmbito da subjetividade humana, interessante, deslumbrante, repleta de cores e sentimentos. O imaginário é, portanto, “[...] a transfiguração da banalidade em extraordinário, a metamorfose do trivial em maravilhoso, a conversão inesperada, o salto” (SILVA, 2017, p. 21).

Antes de detalharmos essa teoria, convém citar que, no vasto campo da ciência do imaginário, optamos pelas inferências de Juremir Machado da Silva (2017) por dois motivos específicos. O primeiro é nosso entendimento de que elas, no que têm de recentes, consistem em um dos principais pontos de culminância das linhas de pensamento acerca do imaginário que, na esteira de Gaston Bachelard, ganham corpo com Gilbert Durand – discípulo de Bachelard e grande responsável por sistematizar o estudo do imaginário – e também com Michel Maffesoli, discípulo de Durand e mestre de Silva. Entendemos que, nesta cadeia hereditária de mestres e discípulos, Silva (2017) nos oferece uma espécie de estado da arte dessas pesquisas.

Não ignoramos, porém, que a partir de Durand surgiram outras ramificações do estudo do imaginário que também ganham eco, inclusive, no Brasil. Uma delas parte de



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Jean-Jacques Wunenburger, também discípulo de Durand, cuja linha de análise é pano de fundo para as pesquisas do Grupo de Estudos Sobre Comunicação e Imaginário (Imaginalis) vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O grupo é liderado por Ana Taís Martins Portanova Barros, orientanda de Wunenburger em seu pós-doutorado. Trata-se de uma linha fortemente calcada na aversão durandiana a tudo que possa se aproximar do positivismo e do racionalismo, avessa a esquemas e rigores estruturalistas. Sua metodologia consiste em mergulhos profundos no imaginário, buscando sentir o que dele emerge emocionalmente, ou seja, que afeta não só nosso lado consciente, mas também “[...] os neurônios que vivem no coração e nos intestinos, e na pele, e em todo o resto dos lugares em que eles se escondem” (BARROS e CONTRERA, 2018, p. 31).

Sem desmerecer a linha de pesquisa wunenburgeana, optamos por Silva (2017) – e aqui, entramos no segundo motivo desta escolha – por entender que sua perspectiva de imaginário como excedente de significação é a que melhor dialoga com a interrogação que norteia nossa tese, a saber: que reconfigurações de sentido se processam a partir da mediatização do imaginário? Nossa hipótese é que o imaginário que emerge a partir de um fato concreto, no que tem de sentido abstrato, mediatiza-se quando o fato em questão se torna uma narrativa midiática, particularmente, na esfera do sistema jornalístico. A partir de Verón (2013), entendemos que a mediatização do imaginário o reconfigura, ao dotá-lo de autonomia e persistência. Nesse viés, também nos propomos a observar os efeitos, sobre o imaginário mediatizado, do fenômeno da circulação, o qual diz respeito, segundo Verón (2005), às diferenças que se estabelecem entre a produção do discurso e os seus efeitos na esfera do reconhecimento e que, portanto, “[...] se define pela defasagem, num dado momento, entre as condições de produção do discurso e a leitura feita na recepção” (VERÓN, 2005, p. 53).

Fechado esse parênteses, e retomando o estudo da conceituação do imaginário, cumpre observar que Silva (2017), em suas reflexões acerca do fenômeno, insiste na expressão transbordamento. Segue, assim, o emprego de uma metáfora hídrica bem ao gosto de Durand (1998), que compara o imaginário a uma bacia semântica – em alusão



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

às bacias hidrográficas. O imaginário é como um grande rio que, abastecido por uma série de afluentes – por vários sentidos, inclusive, de origem mítica, como veremos mais adiante – transborda em novas significações. O transbordamento é a metáfora do excedente, do extraordinário, do sentido que sobra para além do evento concreto e insosso. Porém, o imaginário, ainda que fantástico em relação ao real, não falseia a realidade. Silva (2017) é categórico ao afirmar que “[...] O imaginário nunca é fictício. Jamais é falso. Nunca é ilusório” (p. 39).

Em obra anterior a Silva (2017), Ruiz (2003), outro autor brasileiro interessado no tema, já apresentava o imaginário como um sentido emergente do real, nunca desvinculado dele. O autor alerta que o imaginário não pode ser confundido com fantasia ou mesmo, com alucinação. E assinala que, além do aspecto emotivo do aparelho psíquico humano, também o racional interfere na formulação de imaginários.

[...] Não é possível pensar no imaginário sem a racionalidade. Só nas patologias se manifesta uma sensibilidade absolutamente fora da razão. Também não é possível pensar uma razão que consegue sufocar o imaginário ou esgotar suas possibilidades criadoras. Ambas as dimensões, razão e imaginação, estão indissociavelmente implicadas. Uma não pode existir sem a outra. (RUIZ, 2003, p. 50).

Ruiz (2003) parte, então, em busca das origens do imaginário, evidenciando tratar-se de um fenômeno exclusivo ao ser humano. Sugere que, em dado momento da evolução humana – difícil de precisar – o homem desenvolveu aspectos de alteridade, ou seja, passou a ter consciência de si como um indivíduo independente do mundo natural. Trata-se, afirma o autor, de um fenômeno que passou a distinguir o *sapiens* dos outros animais, cujo instinto não seria capaz de identificar o mundo como algo à parte em relação ao eu, tampouco possibilita a subjetividade. Ruiz (2003) classifica a aquisição da alteridade como “[...] o salto qualitativo mais extraordinário que até esse momento tem acontecido no universo” (p. 56) e evidencia que ela consistiu a matriz geradora da liberdade humana – muito embora, uma liberdade imposta, da qual o indivíduo já não pode abdicar.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Do desenvolvimento dessa autoconsciência humana emergiu o que o autor chama de “fratura” entre homem e mundo, ou seja, um paradoxal distanciamento, que possibilitou ao primeiro observar o outro e atribuir-lhe sentidos, mesmo estando fisicamente inserido nele. Por meio dessa fratura, o homem adquiriu consciência e identidade própria, mas também passou a ser assaltado pela angústia, pela instabilidade, pela sensação de desarmonia entre si e o mundo, sentimentos decorrentes justamente dessa ruptura entre o mundo – o lar – e esse novo indivíduo dotado de subjetividades.

Na esteira desse processo, a geração de sentidos emerge como uma espécie de “sutura”, um anseio por corrigir a fratura, que cria uma nova imagem do mundo em uma tentativa de reaproximar-se dele. “[...] A condição humana é a de seres fraturados que peregrinam recriando o mundo em que vivem [...]. Essa nova relação com o mundo se efetua por meio da construção de sentido que o sujeito instituiu para tudo aquilo que o rodeia” (RUIZ, 2003, p. 59). Finda-se, a partir da fratura, a apreensão objetiva dos elementos do mundo empírico – tais elementos passam a ser ressignificados, vistos a partir da criação de sentidos acerca deles. A ponte que tenta religar homem e mundo, portanto, é a construção simbólica; e o mundo concreto se converte em representação.

[...] A fratura humana faz surgir dentro da pessoa um mundo ignoto e abismal: o mundo da criação imaginária. O objeto, antes de ser conhecido pela razão, é imaginado. Ele, antes que um conceito ou ideia, é uma imagem por meio da qual a pessoa significa as coisas. O sentido é sempre criado e não emana naturalmente das coisas. O objeto, que é uma imagem *com* sentido, é sempre um objeto construído pelo imaginário do sujeito e da sociedade. (RUIZ, 2003, p. 63, *grifo no original*).

Equivale a dizer que o imaginário “[...] se manifesta como flúir criador que constrói permanentemente imagens com sentido de um mundo que, por princípio natural, é insignificante para o resto das espécies animais” (RUIZ, 2003, p. 49). Nota-se, no excerto, grande proximidade entre os conceitos de imaginário em Ruiz (2003) e Silva (2017). Em ambos, o imaginário emerge como um processo que atribui sentidos a uma materialidade ou a fatos que, por si só, não os têm.

Urge um exemplo para compreender melhor o fenômeno.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Um evento concreto e inicialmente destituído de significado, como afirmamos acima, pode ser uma partida de futebol. Silva (2017) cita o exemplo da derrota por 7 a 1 sofrida pela Seleção Brasileira para o time da Alemanha, na Copa do Mundo de 2014. O placar elástico foi um fato concreto, real, noticiado por todos os jornais do mundo. Os jornais, inclusive, foram unânimes em classificar o resultado como uma humilhação para o time brasileiro. Seria essa inferência – considerar os 7 a 1 uma humilhação – fruto do imaginário dos jornalistas? Silva (2017) entende que não. Essa foi uma conclusão empírica, uma racionalização embasada na concretude do real. Óbvio que foi uma humilhação. Para Silva (2017), isso sugere não só que existem fatos reais, concretos e destituídos de imaginário, mas que há limites para o imaginário, impostos pelo real. Não é possível uma imensidão de visões de um mesmo fato.

Onde está, então, o imaginário? Buscando compreender o ponto de vista do autor, manteremos nossa reflexão seguindo com o exemplo em torno da Seleção Brasileira de Futebol, também chamada – por conta da camisa amarela – de Seleção Canarinho, expressão que, para Silva (2017), é uma “[...] designação que já envolve um imaginário sobre o estilo de jogar” (p. 38). À luz desse breve excerto do autor, podemos inferir que Seleção Canarinho remete, no âmbito de um imaginário compartilhado na vasta comunidade dos amantes do futebol, ou mesmo na nação brasileira, não apenas à cor da camisa, mas a uma forma de jogar alegre, ágil, leve, de lances sutis e dribles desconcertantes. Portanto, enquanto na esfera do real há um time composto por 12 jogadores, mais treinador e banco de reservas, cada qual com suas características empíricas em termos de capacidade técnica e rendimento físico, no âmbito do imaginário existe essa alegre Seleção Canarinho – bem diferente daquela que perdeu por 7 a 1.

Na Seleção Canarinho há uma significação que emerge por meio de um imaginário compartilhado. No caso, um sentido (futebol alegre, leve) que transborda para além do time de futebol empírico (aquele formado por 12 jogadores, mais técnico, mais reservas). A Seleção Canarinho é a de Pelé, Garrincha e Sócrates: mais do que atletas, seres míticos no panteão dos deuses do futebol. A alusão ao mito não é, aqui, desproposita. Ao longo da evolução da ciência do imaginário, observou-se que o



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

fenômeno está intrinsicamente relacionado à tradição mítica do homem. Acreditamos que, sistematizando o processo evolutivo desta epistemologia, a seguir, facilitaremos a compreensão do fenômeno.

2.1 A evolução da ciência do imaginário

Conforme deixamos transparecer acima, há em Durand (1993 e 1998) uma forte crítica às linhas científicas racionalistas e positivistas, a quais considera redutoras por ignorarem o caráter de transcendência, mas também de ilógico e de irracional que, via de regra, guia o pensamento humano – inclusive, no âmbito do imaginário. A partir de Descartes, acusa Durand (1993), o mundo se reduziu às fórmulas matemáticas em uma relação onde só há valor científico nas evidências que podem ser medidas e calculadas. Para ele, a partir deste triunfo do algoritmo e do signo que representa o mundo físico e palpável, relegou-se a segundo plano tudo o que é da ordem do símbolo – entendido pelos teóricos do imaginário como o que remete ao abstrato, ao sentido metafórico, ou mesmo, ao indizível⁴. Com isso, o próprio estudo do imaginário também ficou relegado a um espaço secundário na esfera das ciências.

Essa desvalorização do simbólico, para Durand (1998), tem origens ainda mais antigas que o cartesianismo científico. A cultura ocidental, argumenta, historicamente privilegiou o escrito em detrimento da imagem. O imaginário, no que tem de arcabouço de imagens, é visto com reservas na esfera de uma cultura onde o status de conhecimento confiável sempre se restringiu ao sentido materializado na forma escrita, não imagética. Trata-se do que Durand (1998) chama de “iconoclasmo endêmico”.

⁴ É importante demarcar o sentido da expressão no âmbito da ciência do imaginário, não só porque é cara e recorrente nesses estudos, mas também porque o conceito difere em relação ao previsto na semiótica peirceana, fundadora da teoria da midiatização de Eliseo Verón. Em Peirce (2008) o símbolo é um *representâmen*, ou seja, a representação de um objeto, a qual deve ser interpretada conforme as regras semânticas – caso das palavras. Esse caráter arbitrário inexistente no símbolo da teoria do imaginário, cuja interpretação é relativamente livre de regras. Em nossa tentativa de oferecer imbricações entre as gramáticas da midiatização e do imaginário, as variações entre conceitos como esse nos exigem especial atenção.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Foi com a descoberta do lado inconsciente da mente humana que a ciência começou a voltar seu olhar, com maior zelo, às questões da ordem do símbolo. Durand (1993) observa que os estudos clínicos de Sigmund Freud (1856-1939) apontaram para a emergência de imagens elaboradas no inconsciente dos indivíduos que afloram para o consciente na forma de mensagens simbólicas – logo, abstratas, obscuras. Tais imagens, sob a ótica freudiana, seriam a forma com que o inconsciente se comunica com o consciente, porém, por conta de seu caráter simbólico, tal comunicação é cifrada, metafórica. Ainda assim, a ciência do imaginário não teve em Freud sua principal referência para o estudo do símbolo por entender que, para o psicanalista austríaco, a formação simbólica do inconsciente se reduz a reflexos dos traumas decorrentes da repressão, no âmbito familiar e social, às pulsões da libido.

Já a partir das pesquisas do psicanalista Carl Jung (1875-1961) emergiram as inferências que mais dialogam com a ideia da origem psíquica das imagens simbólicas que viria a ser aceita pela ciência do imaginário – particularmente, no que tange ao conceito do arquétipo. Jung (2008) conceitua o arquétipo como uma tendência natural do *sapiens*, herdada biologicamente, que leva os indivíduos a, geralmente, produzirem inconscientemente as mesmas imagens simbólicas. O psicanalista chegou a essa hipótese intrigado com a semelhança entre imagens mitológicas (tais como a árvore do conhecimento, o deus que morre e ressurge, a serpente de chifres, o dragão e outros demônios) presentes em diferentes culturas, separadas por milhares de quilômetros ou anos e que nunca tiveram contato entre si. Também lhe intrigava o aparecimento dessas imagens nos sonhos de pacientes seus, indivíduos tidos como “civilizados” e que desconheciam tais mitologias de etnias “primitivas”.

Para Jung (2008), o fenômeno inconsciente do arquétipo ocorreria porque o cérebro, assim como os demais órgãos humanos, foi biologicamente condicionado a realizar as mesmas operações em todos os indivíduos, independente de sua localização no tempo ou espaço⁵. Sem desconsiderar a importância do ambiente social nas

⁵ Cabe salientar que o arquétipo consiste em uma *tendência* da mente humana em criar as mesmas imagens. Como ressalta Ruiz (2003), o processo não se dá apenas no inconsciente, mas também é influenciado pelo lado racional. Mesma ressalva é feita por Campbell (2000), para o qual os símbolos da



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

operações mentais que atuam na geração de imagens simbólicas, os estudiosos do imaginário têm na ideia de arquétipo um conceito basilar para entender o fenômeno. Indício disso é a ideia, presente em Bachelard (1996), da existência de um “centro de imagens” compartilhado pelos indivíduos. Apesar de conceber a imaginação como uma força voltada ao futuro, que impulsiona o homem a querer modificar a realidade, o mestre de Gilbert Durand acredita que

[...] Há seguramente em nós uma imagem, um centro de imagens que atrai as imagens felizes e repele as experiências do infortúnio. No seu princípio, todavia, essa imagem não é inteiramente nossa; tem raízes mais profundas que as nossas simples lembranças. Nossa infância testemunha a infância do homem, do ser tocado pela glória de viver. (BACHELARD 1996, p. 118-119).

A ideia de que o pensamento humano se constrói social e biologicamente por representações simbólicas, emergente das pesquisas psicanalíticas, também teve espaço nos estudos antropológicos e etnológicos das culturas não europeias, que ganharam corpo particularmente no século XX. Conforme Durand (1998), tais estudos, ao desviarem seu eixo de pesquisa da Europa marcadamente iconoclasta para outras regiões do planeta, voltaram seu olhar para uma série de elementos míticos repletos de simbologias, tais como sítios funerários, objetos usados em rituais e narrativas e pictografias míticas, tanto no seio de etnias indígenas vivas quanto em sítios arqueológicos de antigas civilizações e de ancestrais do *sapiens*. Evidenciava-se então a existência de uma riqueza simbólica comum ao homem em diferentes esferas e estágios culturais, demarcando a ideia de que o ser humano é, desde suas origens mais remotas, um *homo symbolicus*.

Para a ciência do imaginário, a análise desse panteão de símbolos míticos por parte da etnografia não só reforçou a aceitação do conceito junguiano de arquétipo,

mitologia são, por um lado, fruto da interferência de produções espontâneas da psique, mas, por outro, são também resultado de processos que não ocorrem apenas na esfera inconsciente. A criação das alegorias e metáforas míticas, ressalta, também é fruto de séculos de elaboração racional, consistindo em um vínculo entre inconsciente e consciente. Os teóricos da ciência do imaginário evidenciam também a influência do ambiente social no fenômeno, como veremos a seguir.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

como também voltou o olhar para o mito como manifestação do imaginário e gerador de novos imaginários no âmbito social. Neste sentido, são pertinentes ao estudo do imaginário os apontamentos de Claude Lévi-Strauss (1908-2009), o qual demonstrou não só que o homem sempre teve a capacidade de gerar símbolos, mas que mesmo no homem contemporâneo ainda reside um “patrimônio selvagem” que o leva a gerar imagens. Durand (1993), embora com certa reserva em relação à postura estruturalista de Lévi-Strauss, assinala o mérito do antropólogo em identificar a recorrência com que os mesmos mitemas – as grandes unidades constitutivas do mito – reapareciam em narrativas míticas de diferentes culturas.

De fato, assim como Carl Jung, Lévi-Strauss intrigava-se ao observar que os mitos se reproduziram com as mesmas características em diversas regiões do mundo e se questionava: “[...] se o conteúdo do mito é inteiramente contingente, como explicar que, de um extremo a outro da terra, os mitos se pareçam tanto?” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 223). Em sua comparação entre os mitemas dos mitos de diferentes culturas, Lévi-Strauss (2008) constatou a existência de pacotes sincrônicos (atemporais) de temas, ou seja, de sentidos que, quando observados na ordem do diacrônico, se repetiam ao longo do tempo. Eis uma constatação dos estudos de Lévi-Strauss muito cara à pesquisa durandiana: o mito tem por característica a redundância.

Este aspecto é a espinha dorsal de duas correntes de análise literária que, no diálogo com a ciência do imaginário, e também seguindo os passos de Bachelard, buscaram estudar a reiteração de narrativas míticas em uma obra literária específica (caso da mitocrítica) ou em conjuntos de obras, de autores ou estilos (mitoanálise). A hipótese central da mitocrítica e da mitoanálise, que têm em Gilbert Durand um autor basilar, é que toda obra literária é, em diferentes graus, o recontar de antigos mitos, mesmo que de forma adaptada, com deuses, demônios e heróis assumindo novos papéis. Teórico da mitocrítica, Frye (2000) explica que, à luz dessa linha de análise, o mito é entendido como uma espécie de “centro oculto”, a partir do qual emergiriam e se espalhariam configurações confluentes de significação, latentes na literatura. Para o autor, “[...] cada poeta tem sua mitologia particular, sua própria faixa espectroscópica



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ou formação de símbolos peculiar, da qual ele não é consciente em grande parte” (FRYE, 2000, p. 17).

Tais estudos deram o tom do trabalho no Centro de Pesquisas do Imaginário (Centre de Recherche sur l'Imaginaire - CRI), criado em 1966 na Universidade de Grenoble por Léon Cellier, Paul Deschamps e pelo próprio Gilbert Durand. A fundação do CRI representou, a nosso ver, a oficialização dos estudos do imaginário como ciência. Além disso, o instituto foi embrião de mais de 40 centros de estudo do imaginário espalhados pelos cinco continentes. Foi à frente do CRI que Durand desenvolveu uma farta pesquisa sobre o tema, na qual destacamos a ideia da tópica sociocultural do imaginário, elaborada em 1980 e que, a nosso ver, demonstra como o contexto social também interfere, juntamente com os arquétipos e a tradição mitológica, na geração de imaginários coletivos.

2.1.1 O imaginário no âmbito do social

O termo “tópica” (originário de *topos*, ou seja, lugar) se deve à opção sistêmica de Durand (1998) por situar os elementos envolvidos no processo em um diagrama – a tópica sociocultural do imaginário. Nele, o pesquisador demonstra como os indivíduos, na esfera social, também compartilham imaginários que têm raízes na tradição mítica, mesmo nas sociedades modernas e céticas em relação às crenças que emanam das narrativas mitológicas. Segundo ele, uma série de configurações se processaria, em diferentes níveis da sociedade, até que o mito bruto se converta em uma narrativa socialmente aceitável na esfera do imaginário coletivo. Para descrever esse processo, o autor divide o ambiente social em três níveis psicológicos, aos quais batizou apropriando-se de conceitos freudianos: *isso*, *ego* e *superego*.

Durand (1998) argumenta que fluxos do imaginário mítico – originalmente fantásticos, confusos, alógicos, bárbaros e marginais – partem de uma determinada tópica (que chamou de *isso*), situada na base do diagrama, e circulam por fatias psicológico-sociais regradoras, no caso, o *ego* (que na metáfora de Durand remete às



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

estratificações sociais, aos papéis distribuídos conforme classes ou castas, idades e sexo) e o *superego* (encarregado de organizar e racionalizar em planos, ideologias e pedagogias, o ego sociocultural). Neste processo, os fluxos do imaginário vão sendo tolhidos e regulados, tornando-se racionais, pedagógicos e aceitáveis para a sociedade em questão, conforme seu status em termos econômicos, geográficos e históricos.

Optamos por transformar em imagem o diagrama social sugerido pelo autor. Nele, a seta em curva representa a passagem do mito bárbaro – que Durand (1998) também chama de imaginário em potencial, pelas possibilidades que abre à manifestação simbólica –, pelas instâncias regradoras, até tornar-se um imaginário atualizado, no qual se situa o herói bom e honesto, envolvido em uma busca pelo bem.



Diagrama 1 - Passagem dos fluxos do imaginário pelas fatias sociais. Fonte: produção do autor com base em Durand (1998)

Diagram 1 - Passage of the imaginary's flows through social slices. Source: author's production based on Durand (1998)

Para fazer emergir sua significação a fatia clandestina do imaginário adota como estratégia a redundância, a repetição dos mitos primitivos, mesmo que em formatos variantes e com os heróis em papéis trocados. A reiteração destes elementos advém da característica redundante do mito, o qual, conforme Durand (1998), busca convencer pela repetição. Tal multiplicação de redundâncias, mesclada a uma variante de fórmulas, entretanto, faz com que a narrativa se distancie do seu mito de origem, deixando-o em



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

nível não manifesto, mas latente. E assim, as sociedades guiam-se, como que instintivamente, por sentidos – por imaginários – cuja carga simbólica é uma herança mítica, ainda que considerada bárbara e irreal. A partir desses apontamentos, podemos inferir que as sociedades atuam como um organismo vivo, pensante, que se apropria dos antigos mitos e os adapta a sua realidade presente, gerando assim imaginários coletivos.

A ideia do imaginário como elemento integrante dos processos sociais é retomada por Michel Maffesoli, discípulo de Durand. Maffesoli (1988) argumenta que as paixões, as pulsões, o ilógico e o irracional, elementos intrinsecamente ligados ao inconsciente, ao imaginário e à tradição mítica, são elementos que movem o homem à ação e, assim, interferem na arquitetura social. Para o autor, os sonhos de progresso compartilhados por uma sociedade partem da dimensão do sagrado (do mítico), mantendo sua interferência sob novas roupagens. O totem, afirma, ainda é um elemento de mediação que, mesmo travestido em novos formatos, permanece atual – fenômeno percebido no ressurgimento contemporâneo de determinadas preferências políticas e religiosas, de festivais populares e da adesão às noções de pátria e território.

Maffesoli (1998) chama de “pseudomorfose” o fenômeno onde uma forma arcaica, travestida de novas roupagens, age como matriz de um objetivo que se apresenta como novo. No entender do sociólogo, as descobertas e invenções tecnológicas, o progresso científico, decorrem da influência de imaginários calcados, em sua origem, nas histórias antigas, míticas. Assim, o imaginário age como força-motriz que impulsiona a sociedade a um determinado objetivo, ao envolver um compartilhamento de anseios (por mudança, por progresso), e também de crenças, narrativas e valores.

Tal compartilhamento de anseios também age como elemento agregador na esfera social. É cimento social, como afirma o autor, uma liga que mantém a sociedade unida em busca de objetivos em comum – mesmo quando tais objetivos conduzem ao embate político, à revolução e à guerra, movimentos que, muitas vezes, também são movidos sob bandeiras de um panteão de deuses. Essa liga exerce ainda a função de reagrupar, em momentos de crise e desestabilidade social. Quando o vínculo coletivo está



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

debilitado, a sociedade recorre ao mítico para restaurar o sentimento de “estar junto”. O imaginário, portanto, nos move e nos une.

Com esse apontamento, encerramos nossa revisão acerca do desenvolvimento da ciência do imaginário. Atentos às exigências de espaço, deixamos muita coisa de fora, mas mantemos a expectativa de que, a partir desta sistematização diacrônica das descobertas que nutriram as inferências acerca do imaginário, tenha sido possível compreender sua processualidade e ainda a sua complexidade, no que tem de fenômeno tanto influenciado quanto influenciador do sistema psíquico humano – nas esferas racionais e irracionais –, da tradição mítica e do contexto social. Passaremos agora à análise de um exemplo que, a nosso ver, ilustra a emergência de um imaginário coletivo no âmbito da interatividade proporcionada pelas novas mídias digitais.

3 A prisão da vendedora de rosas

Em sua edição de 13 e 14 de abril de 2019, o jornal Gazeta do Sul trouxe uma reportagem acerca do consumo de crack em via pública, nas imediações do trevo do Bairro Bom Jesus, ponto de grande fluxo de veículos em Santa Cruz do Sul (RS), cidade-sede do periódico. O texto indica que o uso da droga no local se tornara cena do cotidiano, ocorrendo livremente e sem gerar constrangimentos. Foram veiculadas fotos mostrando pessoas consumindo crack, uma delas na capa. A reportagem também foi veiculada, na tarde de 13 de abril, no Gaz, portal de notícias online vinculado à Gazeta do Sul, que disponibilizou um link para o conteúdo no Facebook, como mostra a reprodução abaixo.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais



Figura 1 - Link para a reportagem. Fonte: reprodução/Facebook

Figure 1 - Link to the news report. Source: reproduction/Facebook

Naquele mesmo final de semana, horas antes da veiculação da reportagem sobre o uso do crack no Gaz, uma ação realizada pela Guarda Municipal de Santa Cruz do Sul também virou notícia no mesmo portal. Na ocasião, os guardas haviam capturado uma mulher que vendia rosas no centro da cidade – dado que o comércio ambulante é proibido por Lei Municipal. Portanto, à luz das inferências de Silva (2017), o que temos até aqui seriam duas notícias sobre fatos transcorridos na concretude do mundo – o consumo de crack em via pública e a prisão da vendedora de rosas – os quais, por si só, seriam destituídos de significação, pelo menos até a emergência do imaginário.

A veiculação do link para a reportagem sobre o crack deu início à elaboração de mais de 270 comentários de usuários do Facebook, em sua maioria, criticando a ação da Guarda Municipal. Foi possível observar que os autores dos comentários fizeram emergir determinada significação ao relacionar as duas notícias sobre fatos distintos. Em termos gerais, questionaram porque os guardas preocuparam-se tanto com a vendedora de rosas, ao invés de coibirem o uso de crack no trevo do Bairro Bom Jesus, por meio de comentários carregados de ironia, tais como “Isso pode, agora, a pessoa vender rosas ou abacaxi para o sustento da família não pode”; ou “Cadê a prefeitura e a guarda municipal? Ah, lembrei. Prendendo vendedor de flores”; e ainda “Mas isso a guarda municipal não vê, preferem ficar tirando sustento dos que vendem na rua para sustentar a família”.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Portanto, observamos que, do cruzamento entre dois fatos concretos distintos, emergiu uma significação (SILVA, 2017), observável a partir dos comentários dos usuários do Facebook. Conforme a gramática da mediação de Verón (2013), podemos afirmar que tal significação foi mediada – justamente, na forma dos comentários – ganhando autonomia e persistência no âmbito da interatividade proporcionada pelo bios midiático. A nosso ver, esse sentido emergente, em um primeiro momento ausente nos episódios transcorridos, é também fruto da processualidade de um imaginário compartilhado pelos indivíduos participantes da interação sob análise.

No diálogo com os apontamentos de Maffesoli (1998), identificamos, particularmente, um imaginário voltado ao progresso, calcado na crença compartilhada socialmente do valor do trabalho. Tal inferência surge da linha de comentários que defendem a vendedora de rosas porque ela estava trabalhando – ainda que de forma irregular –, talvez para garantir o sustento da família. O sentido emergente desse imaginário compartilhado é que o trabalho, como condição para o progresso, como atividade que dignifica o homem, não pode ser alvo de coibição. Trata-se de um imaginário atualizado (DURAND, 1998), de uma pedagogia válida na sociedade local e contemporânea, mas cujas raízes podem estar, inclusive, na tradição mítica do culto ao herói – aquele que enfrenta dificuldades, que se arrisca e se sacrifica pela família ou pela sociedade.

Na ótica desse imaginário, os usuários de crack são, por sua vez, indivíduos que, ociosos, inúteis, não contribuem para o progresso. Eles são o fator de ruptura social, externos a uma sociedade unida em torno das mesmas crenças, da mesma busca por desenvolvimento. São a parte que se rompeu do cimento social (MAFFESOLI, 1998) por conta de não compartilharem mais dos mesmos imaginários. Eles são os outros, os de fora, e, portanto, merecedores da repressão policial.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Considerações finais

Nosso intuito com a breve análise desse episódio não foi oferecer julgamento acerca do sentido emergente do imaginário em questão, mas observar sua presença como ingrediente gerador de um transbordamento de significação – fenômeno que buscamos descrever e demonstrar neste trabalho. Nosso argumento é que mesmo nas manifestações mais duras e, mesmo, intolerantes, que frequentemente se midiaticizam em canais de interatividade, há mais elementos a serem considerados, tais como os processos mentais que, na imbricação com carências sociais e educacionais, geram essas intolerâncias. Isso não significa que o imaginário seja, por si só, um gerador de sentidos moralmente questionáveis, mas sim, um fenômeno que pode ser considerado quando se busca compreender a origem dessas manifestações.

Dentro da perspectiva defendida por Braga (2006) quanto à urgência de uma pedagogia de uso praxiológico das novas mídias, entendemos que a ciência do imaginário surge como uma aliada ao explicar os processos psicológicos e sociais imbricados na geração de sentidos que, por conta das novas mídias, são midiaticizados. Se tais sentidos são, com muita frequência, questionáveis pelo viés da civilidade – como alerta o tema do seminário que nos conduziu à produção deste artigo – urge identificar onde a sociedade está falhando nos processos que, segundo Durand (1998), transformam o bárbaro em pedagógico.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BARROS, A. T. M. P.; CONTRERA, M.. Estudos do Imaginário: a iniciação como método. In.: BARROS, A. T. M. P. et. al. (Org.). *Imag(em)inário: imagens e imaginário na Comunicação*. Porto Alegre: Imaginalis, 2018. p. 22-36 Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/imaginalis/editora/imageminario/>> Acesso em: 4 jun 2019.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. *Revista Animus: revista interamericana de comunicação midiática*, Santa Maria, Volume V, n. 2, julho-dez 2006. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/index.php/animus/article/viewFile/6693/4050>> . Acesso em: 8 abr. 2019.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2000. 414 p.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa, Edições 70, 1993. 112 p.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução de Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 1998. 128p.

FAUSTO NETO, Antônio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: BRAGA, José Luiz et al. (Org.). *Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. p. 43-64.

FRYE, Northrop. *Fábulas de identidade: ensaios sobre mitopoética*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000. 288p.

GOMES, Pedro Gilberto. *Dos meios à mediatização: um conceito em evolução*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017. 175 p.

JUNG, Carl G.. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl G. (Org.). *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 19-103.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 445 p.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Tradução de Aluizio Ramos Trinta. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2008. 337 p.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 267p.

SILVA, Juremir Machado da. *Diferença e descobrimento: o que é imaginário? (A hipótese do excedente de significação)*. Porto Alegre: Sulina, 2017. 175p.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. Tradução de Vanise Dresch. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005. 286p.

VERÓN, Eliseo. *La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes*. Buenos Aires: Paidós, 2013. 448p.